



# FILOSOFIA

com **Vivianne Catolé**

Ailton Krenak

# AILTON KRENAK



Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido como Ailton Krenak, é um pensador, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia indígena crenaque. É também professor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pela Universidade de Brasília (UnB).

Nascido em 1953 no município de Itabirinha, no estado de Minas Gerais, na região do Médio Rio Doce, aos dezessete anos de idade Ailton mudou-se com sua família para o estado do Paraná, onde se alfabetizou e se tornou produtor gráfico e jornalista. Na década de 1980, passou a dedicar-se exclusivamente ao movimento indígena. Em 1985, fundou a organização não governamental Núcleo de Cultura Indígena, que visa promover a cultura indígena. À época da Assembleia Nacional Constituinte, uma emenda popular assegurou a participação do grupo no **processo de elaboração da nova Carta Magna**, momento em que Ailton assumiu ativo papel na defesa dos direitos de seu povo.



Ailton Krenak (Foto: Reprodução)

- ▶ Em 2018, foi um dos protagonistas de uma série na Netflix chamada Guerras do Brasil, que relata com detalhes a formação do Brasil ao longo de séculos de conflito armado, começando com os primeiros conquistadores até a violência na atualidade.
- ▶ Em 2020, conquistou o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano concedido pela União Brasileira dos Escritores (UBE).
- ▶ Em dezembro de 2021, a Universidade de Brasília concedeu a Ailton Krenak o título de Professor Doutor Honoris Causa.
- ▶ Tem vários livros publicados. Sua obra está traduzida para mais de treze países. Atualmente vive na Reserva Indígena Krenak, no município de Resplendor, no estado de Minas Gerais.

## IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO (2019)

*"Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida"* (trecho do livro *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*).

Lançado em 2019, 'Ideias para adiar o fim do mundo' é o livro mais famoso de Ailton Krenak. A obra critica a ideia de humanidade como um conceito separado da natureza.

Foi escrito com base em uma palestra dada pelo autor em Brasília, que ressaltou a importância dos seres humanos encararem o meio natural como um membro da família. Essa premissa seria baseada no desastre socioambiental da nossa era, o Antropoceno.



Krenak, com suas palavras, critica as ideias de civilização e Humanidade da perspectiva etnocêntrica, que foram a base para legitimar a conquista e a colonização dos povos indígenas da América Portuguesa, enxergando-os como tábula rasa, desprovidos de "Lei, Rei e Fé". Projeto colonial que pretendia ocidentalizar a cosmovisão de nossos povos originários e "curá-los" da inconstância de suas almas selvagens.

No atual contexto, Krenak nos mostra como a ideia de uma Humanidade homogênea e de uma narrativa globalizante, enraizada numa sociabilidade mercantilizada, cinde a Humanidade da Natureza, tratando-as como esferas distintas - Terra e Humanidade - como coisas separadas. Uma visão de mundo que abandona a experiência de vida, pois a Terra é saturada de sentidos e é um local para a coexistência de diferentes cosmovisões.

A resistência dos povos indígenas a esse tipo de racionalidade permeia a História de nosso país e se confronta com as visões de desenvolvimento sustentável das grandes corporações dos organismos internacionais e dos padrões de comportamento de uma sociedade consumista, que ameaçam os recursos naturais com a intensa demanda por bens de consumo. Essa resistência também reivindica, junto ao Poder Público, o reconhecimento de seus direitos como povos originários e o cumprimento da responsabilidade constitucional do Estado Brasileiro em relação a essas demandas. Uma luta pela sobrevivência, manutenção e perenidade de sua Cultura. Respeito e reconhecimento de suas narrativas, na forma de se relacionar com a Natureza e em sua visão de mundo.

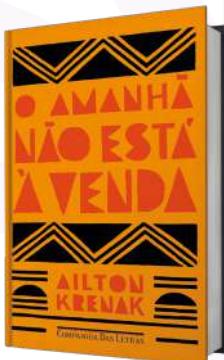
Por fim, Krenak nos diz sobre um lugar onde são possíveis as visões diversas de mundo e de Humanidade: “Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada”.

## O AMANHÃ NÃO ESTÁ À VENDA (2020)

Fruto da pandemia de Covid-19, ‘O amanhã não está à venda’ foi publicado em abril de 2020. Nele, Krenak fala sobre como a pandemia nos fez refletir sobre o que é a ‘normalidade’ e o que significaria voltar para esse status após a crise social, econômica e sanitária vivenciada.

O autor fala sobre as **complexidades do isolamento** e que, diante do modelo de vida contemporâneo, ninguém está a salvo. A necessidade de refletir sobre o fato vem da ideia de que seria insensato retornar a uma normalidade que devasta a natureza e reforça as desigualdades entre os povos.

Se antes o mundo parecia não poder parar, com a pandemia muitos foram obrigados a isso. O funcionamento do mundo entrou em crise. Vivemos um tempo raro e inédito para nossos tempos, diante disso estamos experimentando o que os grupos perseguidos já vivenciavam. Se antes os índios estavam ameaçados de extinção, com a pandemia estamos todos, enquanto sociedade mundial. Para Krenak, nós (humanos?), somos piores que a COVID-19. Primeiro nos divorciamos da humanidade e agora o vírus nos expõe ao risco da morte. **A humanidade é uma mentira, para Krenak. Somos de fato uma humanidade?** O que toda a situação caótica do vírus deixou e ainda deixa muito claro é que estamos cavando um enorme fosso de desigualdades entre os povos, desse modo, não estamos “no mesmo barco”, como sugere o senso comum. Uns tem dinheiro para comprar as melhores máscaras faciais para se proteger do contágio, outros usaram couve ou sacola plástica improvisada no rosto. As grandes filas que se formaram na Caixa Econômica Federal, no auge da pandemia, para tentar receber o auxílio emergencial, evidenciam um desespero coletivo: se morre do vírus ou se morre de fome? Parece não existir escolha, para esses invisíveis.



Sobre isso, Krenak vai dizer que o que acompanhamos é uma naturalização de uma sub-humanidade, que já viviam na miséria e hoje enfrentam o aprofundamento dessa barbárie. Importante perceber o reequilíbrio da natureza diante do confinamento das sociedades, já que a ecologia seguiu se reestruturando. O coronavírus mata apenas humanos, e somos apenas 0,01% da vida planetária, como nos alerta Boaventura em suas reflexões sobre a “pedagogia do vírus”. Já Krenak reafirma que não faríamos falta na biodiversidade, pelo contrário. A mãe Terra parece querer ensinar e falar conosco: “Filho, silêncio”.

*“Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltamos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.”*

Pois depois que esses tempos sombrios de fato forem superados, suas marcas ficarão e não poderemos ligar todas as máquinas que foram desligadas nessa época e tocar nossas vidas. Teremos nós todos, as cicatrizes desses tempos. Krenak afirma que já faz um tempo que ele não programa atividades para “depois”, pois para ele precisamos deixar de ser convencidos em afirmar que estaremos vivos no dia seguinte. Com o distanciamento, nossa primeira atitude foi suspender nossas atividades e projetos.

Só isso foi o suficiente? Não, não basta mudar o calendário. Pois acreditar que simplesmente adiar os compromissos como se tudo pudesse voltar ao normal é viver do passado. O futuro é agora, pois vivemos um tempo de incertezas. Os empresários que saíram na época do distanciamento social, em seus carros importados para protestar, podiam morrer com o vírus, assim como os empregados que eles desejavam que voltassem ao “batente”, numa condição de escravos contemporâneos. O coronavírus mata quem está dentro e quem está do lado de fora de uma Land Rover. “Temos de parar de vender o amanhã.”

## A VIDA NÃO É ÚTIL (2020)

Publicado no final de 2020, ‘A vida não é útil’ também abordou um diálogo sobre o cenário pandêmico. Na obra, Krenak volta a apontar as tendências destrutivas da civilização através da reunião de cinco textos adaptados de palestras, entrevistas e lives realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020.



Em meio a evolução da pandemia, a ascensão de governos de extrema-direita e os danos causados pelo aquecimento global, o autor critica a insistência na visão estreita e excludente sobre o que é a humanidade, que se autodestrói em um consumismo desenfreado e devastação ambiental.

“Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro”. Essa citação, que guarda o nome dessa costura inicial, evidencia o modus extrativista e predatório que a humanidade racional e ilustrada convencionou chamar de normal, quer dizer, uma separação filosófica e existencial do animal humano da Terra, como se houvesse

uma cisão à moda positivista de construir a vida e o pensamento. Se não se come dinheiro, ao mesmo tempo não se respira dinheiro, não se encanta com dinheiro e, ao fim, não seríamos assim tão autossuficientes por produzirmos tanto. Em um paradoxo limite, essa corrida seria, como nos ensina o autor, uma corrida insana para a morte.

**"Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil?" (KRENAK, 2020, posição 516)**, é a pergunta que permeia grande parte da obra e que nos leva a fazer uma série de reflexões sobre o nosso estilo de vida. Fomos colocados neste contexto urbano predatório ou estamos aqui por que queremos? Seria possível nos livrarmos dessa mentalidade utilitarista da vida e do mundo? O autor consegue fazer surgir em nós tais perguntas

ao passo que critica de maneira relevante vários aspectos da existência neste contexto de destruição. Entre esses aspectos estão a pobreza, o suicídio, a apatia e a violência, que parecem intrinsecamente ligados ao modelo utilitário da vida. Vida não é útil é uma obra que nos tira da nossa zona de conforto e que nos provoca de maneira direta. As palavras de Ailton Krenak têm peso, e nos fazem pensar como a vida poderia ser diferente se, simplesmente, soubéssemos ouvir mais a sabedoria ancestral ao invés da ideologia destrutiva da ganância, que nos é transmitida desde o momento em que nascemos. O utilitarismo é predatório, e tudo o que é predatório não repõe aquilo que tira do lugar. **Nós precisamos da Terra para sobreviver, afinal, extraímos tudo dela. Mas será que ela precisa da gente?**



Anote aqui

